

EDUCAÇÃO, MÍDIAS E INDÚSTRIA CULTURAL: A (DE) FORMAÇÃO DO SUJEITO NA ATUALIDADE

Tatyane Pereira de **Morais** – UFG

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

Este trabalho parte do pressuposto de que a relação entre educação e mídia, influência de maneira direta a formação do sujeito na atualidade. Nessa perspectiva as contribuições da Teoria Crítica são de fundamental importância para refletir se esta relação está ou pode contribuir para a formação cultural ou, se num outro cenário está contribuindo para a deformação do sujeito.

Palavras-chave: Educação, Mídias, Indústria Cultural, (De) formação do sujeito.

EDUCAÇÃO, MÍDIAS E INDÚSTRIA CULTURAL: A (DE) FORMAÇÃO DO SUJEITO NA ATUALIDADE

INTRODUÇÃO

A sociedade capitalista pós-moderna tem se solidificado, além de outras áreas, pelo grande avanço e desenvolvimento das mídias. A cada momento, milhares de imagens, palavras e sons produzidos integram-se ao nosso cotidiano, ditando novas formas de se relacionar ou interagir socialmente. Isso ocorre, porque, vivemos em um mundo bombardeado por informações; por uma cultura midiática que, segundo Moraes (2008), possui relações intrínsecas com determinada visão de mundo; valores; comportamentos; com a absorção de padrões de gostos e de consumo; e com a internalização de imagens de felicidade.

Dentro desse contexto, a educação também não fica alheia ao processo de desenvolvimento das mídias. Isso ocorre devido à facilidade no acesso e na velocidade das informações que se atualizam a cada momento, fazendo com que as mesmas se tornem instrumentos indispensáveis para a formação do sujeito. Resta-nos saber, todavia, se as mídias ainda que, hoje, em pleno séc. XXI muitas as estejam

considerando como indispensáveis ao processo de formação estão de fato contribuindo para que isto ocorra ou, num outro cenário, estão sendo utilizadas para a deformação dos sujeitos.

EDUCAÇÃO E MÍDIA

Sabemos que atualmente o sistema midiático, por meio de seus representantes, tais como: televisão, cinema, jornal e internet, cada vez mais, se inserem no ambiente escolar e se colocam como sendo imprescindíveis a educação assumindo dessa forma, uma importante mediação, no que se refere à constituição do sujeito na atualidade. Podemos observar que as mídias se estabelecem como sendo fundamentais, e tem como “promessa” possibilitar juntamente com a educação a constituição de sujeitos autônomos.

Compreendemos, entretanto, que a constituição do sujeito autônomo seria possível nesta relação, caso educação e mídia proporcionassem segundo Adorno (1996) uma formação cultural capaz de estabelecer experiências formativas, suficientemente necessárias para a sua conscientização e que permitissem a formação de indivíduos críticos capazes de questionarem e lutarem pela liberdade e pela felicidade em sentido pleno.

Contudo, percebemos que na prefiguração capitalista a relação entre educação e mídia desentende-se de seus fins. Para Adorno (1996), isso ocorre porque a formação “remete sempre a estruturas pré colocadas a cada indivíduo em sentido heteronômico” (p. 397). Entendemos que nesta perspectiva a educação passou a ter como função constituir sujeitos por meio de conhecimentos e habilidades técnicas, e, a mídia, na mesma via, passou a se apresentar como meio de comunicação que padroniza a forma, os conteúdos culturais e os seus comportamentos. Os sujeitos, sem a necessidade da reflexão e do pensamento para criação e autonomia se constituem de maneira idealizada.

Sob esta premissa, podemos considerar que a relação entre educação e mídia ocorre não com o intuito de formação para a autonomia, mas como instrumento que possibilita a mediação entre sujeito e objeto de maneira coercitiva e fragmentada. “Este processo está ligado à convicção de que os nossos objetivos, sejam quais forem, dependem de gostos e aversões que, em si mesmos, não têm significação alguma”

(HORKHEIMER 2002, p. 41), e deste modo, já não conferem aos homens o que é necessário, pois tudo é passageiro. Podemos dizer que a formação se direciona para a constituição de um indivíduo capacitado por conteúdos com vistas a compreender que a aprendizagem se dá por uma preparação que vai sendo internalizada nesses moldes para a conformação e não para a criação e transformação da realidade.

Entendemos que quando a relação entre educação e mídia não proporciona a reflexão crítica da realidade social, ocorre à alienação dos sujeitos. Resende (2001, p. 526), assevera que “a alienação é desumanização, desvio, realização desvirtuada da objetivação”. A autora afirma ainda que na alienação, não há o reconhecimento de si, do outro, do processo do trabalho e nem do produto, e nessa condição, os sujeitos se tornam mais uma extensão da máquina produtiva da sociedade capitalista.

Nessa perspectiva, as relações produtivas desfavorecem a boa prática de desenvolvimento educacional, o que acaba por levar ao desinteresse em acreditar sobre a importância da extensão do conhecimento, em sua totalidade. Transformada em um negócio, a relação entre educação e mídia utiliza-se dos elementos da indústria cultural, que se ajusta ao grande desafio da atual sociedade: disseminar o pensamento do conformismo estabelecido pelas relações de produção¹ capitalistas. Para Adorno (1992, p.35) essa circunstância “desaloja dos gestos toda a hesitação, todo o cuidado, toda a urbanidade. Submete-os às exigências implacáveis e por assim dizer anistóricas das coisas”.

INDÚSTRIA CULTURAL E A DEFORMAÇÃO DO SUJEITO

A relação entre educação e mídia, em que suas determinações consideram os valores, normas, formas e conteúdos direcionados pelas relações de produção com vistas ao consumo e vice e versa, refere-se de acordo com Adorno e Horkheimer (1985) a “Indústria Cultural”. Os autores definem a indústria da cultura como um conjunto de informações que difunde idéias e que envolve todos os conteúdos, nos quais se sustentam pela idealização do sujeito associada à standardização das técnicas de produção, e que tem como função formar consciências para a constituição de consumidores.

¹. De acordo com Marx (2006, p.207), na produção, os membros da sociedade adaptam (produzem, dão forma) os produtos da natureza em conformidade com as necessidades humanas. O autor explicita também que a produção é imediatamente consumo, e o consumo é imediatamente produção. “Na primeira o produtor se coisifica, na segunda, é a coisa criada por ele que se personifica” (p.208).

Assim se desaprende, por exemplo, como fechar uma porta de forma suave, cuidadosa e completa. As dos automóveis e dos frigoríficos devem atirar-se; outras tendem a fechar-se por si mesmas, habituando-se assim os que entram à indelicadeza de não olharem para trás, de não se fixarem no interior da casa que os acolhe. (ADORNO, 1992, p.35).

Desse modo, uma vez que os produtos produzidos por essa indústria prometem educação com vistas à formação para autonomia, instaura-se uma dominação ideológica que visa apoiar-se em generalizações falsas e análogas que conduzem às determinações distorcidas sobre o ser. “Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão” (ADORNO, 1985, p 118) e desse modo “cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu *level3*, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo” (p. 116).

Nessa condição tanto educação quanto as mídias se colocam como intermediárias ao processo de integração do indivíduo na sociedade. “É uma integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores.” (ADORNO, 1975, p. 287). Por esta via, as atividades culturais são dirigidas e controladas para atenderem à lógica administrada pelo capital. Os indivíduos submetidos aos comandos desse sistema não só são conduzidos à fragmentação do pensamento como também de todo o processo que realizam. Adorno e Horkheimer (1985) explicitam que a indústria da cultura atinge integralmente “o todo e a parte” (p.118),

a indústria cultural continuamente priva seus consumidores do que continuamente lhes promete. O assalto ao prazer que ação e apresentação emitem é indefinidamente prorrogado: a promessa a que na realidade o espetáculo se reduz [...]. Ao desejo suscitado por todos os nomes e imagens esplêndidos serve-se, em suma, apenas o elogio da opaca rotina da qual se queria escapar. [...] A indústria cultural não sublima, mas reprime e sufoca (ADORNO, 1985, p.120).

Segundo Adorno (1975), a indústria da cultura reprime quando especula com a consciência e a inconsciência das pessoas. Afirma ainda que a indústria cultural sonda as camadas sociais e delas retira as tendências e manifestações culturais que, ao adentrarem no processo produtivo, são destituídas de suas características autênticas. Para Horkheimer (2002), o modo de pensar em si, tende a ser substituído por conceitos

cobertos de estereótipos, os quais são, por sua vez, tratados apenas como instrumentos convenientes à vida, podendo vir a se tornar, dessa forma, até mesmo objeto de adoração fanática por aquilo que propõe como modo de vida, ascensão e existência.

Assim, o sujeito que podia se constituir numa relação de comunicação com a natureza, sociedade e cultura, acaba por estranhar a sua objetividade em meio à lógica e aos fins que pretende alcançar. Dessa forma “cada homem especula sobre a maneira de como criar no outro uma *nova* necessidade para forçar o novo sacrifício, o colocar em nova dependência, para o atrair a uma nova espécie prazer [...]”. De modo que “cada qual procura impor sobre os outros um poder estranho, a encontrar assim a satisfação da própria necessidade egoísta” (MARX, 2008, p.149). Esse fato ocasiona a perda da essência da razão humana, seus diferentes sentidos se voltam à instrumentalidade² da razão em seu domínio.

Compreendemos que a sociedade capitalista se politiza para incentivar o individualismo e coisifica os sujeitos, pois legitima a educação e as mídias apenas para se ajustarem aos seus interesses, econômicos, políticos e sociais. Assim, formados para a conformação de modelos e resultados que devem ser obtidos, acabam por receber um tipo de educação na qual terão como características básicas a capacidade de se mostrarem sempre bem atualizados sobre as informações de maneira superficial, o que ocasiona um processo claro de desqualificação na formação da maioria destes sujeitos, tornando suas atividades e conhecimentos totalmente voltados à adaptação. Isso ocorre por que:

A adaptação é de modo imediato, o esquema da dominação progressiva. O sujeito só se torna capaz de submeter o existente por algo que se acomode à natureza, que demonstre uma autolimitação frente ao existente. Essa acomodação persiste sobre as pulsões humanas como um processo social, o que inclui o processo vital da sociedade como um todo. (ADORNO, 1996, p. 391).

A capacidade crítica, a reflexão e a resistência passam a ser atividades distantes, para não dizer remotas. Para Adorno (1996) nessa condição, os sujeitos se estabelecem como semiformados, pois, ocorre “uma falsa experiência restrita de caráter afirmativo,

². Horkheimer (2002) afirma que a razão instrumental aplica-se a uma pura atividade em que a classificação dos objetos é mais aparente e real, do que a possibilidade de se conhecer em sua essência. Desse modo, entende o autor, que quanto mais as ideias se tornam automáticas, instrumentalizadas, menos alguém vê nelas pensamentos com um significado próprio. (p.27).

ao que resulta da satisfação provocada pelo consumo dos bens culturais” (ADORNO, 1995, p. 23), e atua na direção oposta do esclarecimento e da formação emancipadora.

Adorno afirma (1996, p. 396), que no processo de “semiformação os conteúdos objetivos e com caráter de mercadoria³ da formação cultural, perduram a custa de seu conteúdo de verdade e de suas relações vivas com sujeitos vivos, nos quais de certo modo, corresponde a sua definição”. Dessa forma, enclausurados pelo imediatismo proposto pela semiformação, a relação entre educação e mídia se converte em fetiche. E assim “aquilo que é um objeto de mediação é tomado pela aparência de imediaticidade num movimento pelo qual o valor de uso, mera forma fenomênica imprescindível as mercadorias na sociedade capitalista, é tomado pelo valor de troca” (RESENDE, 2001, p.520).

Entendemos que o fetiche é uma característica específica da sociedade capitalista em que ocorre a perda de autonomia dos indivíduos e nesta condição, não há a possibilidade de controle racional da produção. Adorno (1996, p. 406) afirma que “o conceito fica substituído pela subsunção imperativa a quaisquer clichês já prontos, subtraídos à coerção dialética, que descobre seu destrutivo poder nos sistemas totalitários”. Com efeito, a semiformação leva à busca de ideais, que se compõem de acordo com o autor num amontoado de informações ideológicas que se inserem entre os sujeitos e corroboram para o distanciamento e abstração da formação cultural. “As tentativas pedagógicas de remediar a situação se transformaram em caricaturas” (p.393). E este é um processo que absorve o sujeito, castrando a reflexão sobre seu próprio pensamento.

Desta forma “ergue-se uma redoma de cristal que, por se desconhecer, julga-se liberdade. Essa consciência falsa se amalgama-se por si mesma à igualmente falsa e soberba atividade do espírito” (p. 391). “A semiformação, como consciência alienada, não sabe da relação imediata com nada, senão que se fixa sempre nas noções que ela mesma aporta às coisas”. (p. 407). Assim, o sujeito subsumido no universo objetivo, acata o que lhe é oferecido e se torna apenas um instrumento de fácil manipulação. Nesse sentido,

[...] o entendido e experimentado medianamente ao semi-entendido e semi-experimentado, não representa um processo de formação que ainda não se completou, mas sim um inimigo letal deste processo, pois os elementos inassimilados “fortalecem a reificação da consciência

³. Nas palavras de Marx (1968, p. 45), “a mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades satisfaz necessidades humanas, seja qual for a sua natureza.

que deveria justamente ser extirpada pela formação” (ADORNO, 1996, p.403).

Para Adorno e Horkheimer (1985), a reificação implica na coisificação das relações sociais, de modo que a sua natureza é expressa por meio das relações entre objetos de troca. De acordo com Resende (2008), na condição de reificado o sujeito não se reconhece porque está impedido de estabelecer uma relação entre trabalho concreto – sua atividade vital – e o valor do produto no qual se objetivou. Para a autora o sujeito transforma-se em personificação das relações econômicas, o que absorve e limita sua reflexão produzindo um pensamento coisificado.

Essa condição deixa marcas profundas no processo formativo. O que se percebe é uma valorização da quantidade de informações transmitidas ao sujeito de forma fragmentada, em favor da possibilidade de sínteses dos conteúdos de maneira imediata e superficial. Argumentam Adorno e Horkheimer (1973) que temos uma quantidade enorme de homens que vivem sem alma, fragmentados, sem a capacidade de perceber as contradições, cada um se apega as suas próprias vantagens.

Afirma Adorno (1996) que o que está em curso é a perda do caráter crítico da formação cultural. Ao pensarmos a formação a partir da perda do caráter formativo, encontraremos sérias consequências à própria formação, pois “O fictício que hoje deforma toda e qualquer atendimento das necessidades é inconscientemente percebido sem questionamentos” (ADORNO, 1986, p.71). Isso significa dizer que o sujeito está passivo frente às diversas informações que lhe chegam, inviabilizando a potencialidade de se apropriar delas, ou seja, o sujeito se torna objeto do capital, e incluídos pela adaptação exigida, excluem-se da possibilidade de resistência às condições que os dominam. Assim,

[...] quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categoria fixas - sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação - cada uma delas, isolada, coloca-se em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva (ADORNO, 1996, p. 390).

Cabe ressaltar, que para Adorno e Horkheimer (1973) é preciso compreender que a ideologia, proporciona tanto o afastamento do ser de si mesmo quanto a sua aproximação. Ocorre que na sociedade capitalista o conhecimento da realidade parece ter se tornado completamente comprometido entre o existente e o aparente.

Conseqüentemente a relação entre educação e mídia se faz ideologia quando forma os sujeitos, para atenderem a lógica e interesses do capital.

Diante dessas proposições, percebemos que a relação entre educação e mídia se coloca sob os moldes da indústria da cultura, e nesta condição, “os ideais educacionais foram completamente extintos, sob o impacto da alienação que avança cada vez mais e da sujeição do desenvolvimento cultural em sua integridade aos interesses cada vez mais restritivos da expansão do capital e da maximização do lucro” (MESZÁROS, 2005, p.79).

Assim, fica evidente a recíproca dependência que se estabelece entre o bem cultural, a sua apreciação como mercadoria e a satisfação do sujeito que dela se apropria. Nesse sentido, a semiformação se constitui pela heteronomia e, por meio dessa lógica, são os diferentes mandos de controle da vida do homem que prevalecem.

[...] isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência (ADORNO, 1995, p.181).

Entendemos, assim, que a relação entre educação e mídia se direciona por imposições e ideias sociais para formar sujeitos isolados. Esse isolamento é justificado, muitas vezes, por uma condição natural de “indivíduos egoístas”, mas essa suposta constituição dos indivíduos esconde a contradição objetiva da situação social conflituosa e de interesses subjacentes à sua manutenção. Quando a relação entre educação e as mídias se direcionam com vistas ao progresso material, a formação dos indivíduos consiste na mera atividade da reprodução da vida social e o sentido de sua formação se perde, pois, se limita a condução da forma como é operado o sistema. Adorno (1995) explicita que nessa condição os sujeitos se convertem em “meros espectadores do que ocorre no mundo transitando mais ou menos imunes” (p. 46).

Nesse sentido se a realidade tem privilegiado a técnica e os métodos para a funcionalidade, conseqüentemente a educação e mídia se ajustam à formação política e ideológica determinada. Caberia perguntar nesse sentido, se seria possível uma formação cultural em que a relação entre educação e mídia se estabelecesse para a constituição do sujeito social com vistas à liberdade e autonomia.

A POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO CULTURAL

Para Adorno (1995), a formação cultural deveria corresponder literalmente à capacidade de proporcionar ao sujeito experiências formativas para a constituição enquanto ser autônomo. O autor revela que esse seria o entendimento que determinaria a vida humana, e enfatiza que essa conscientização pode realizar a “superação da alienação” (p. 148), afirma ainda que a educação dirigida a uma auto reflexão crítica, deve ser iniciada antes mesmo da educação escolar, na primeira infância, quando o indivíduo está formando suas características básicas de caráter.

Nesse sentido, a relação entre educação e mídia que proporcione à capacidade do sujeito estabelecer experiências formativas que os permitam a reflexão para além do que é imposto pela sociedade administrada pela lógica do capital é de extrema importância. Porque,

A experiência é um processo auto-reflexivo, em que a relação com o objeto forma a mediação pela qual se forma o sujeito em sua objetividade. Nesse sentido a experiência seria dialética, basicamente um processo de mediação. Pela via dessa mediação, destaquem-se então dois momentos do processo vinculados ao conteúdo da verdade da experiência, isto é, à experiência formativa num sentido emancipatório (ADORNO 1995, p. 24).

Adorno (1995) ainda explicita que, “a recuperação da experiência formativa permitiria reconstruir um padrão para o que seria efetivamente “racional”, sem o déficit emancipatório que a racionalidade instrumental impõe” (p.27). O autor afirma que “a formação que conduziria à autonomia dos homens precisa levar em conta as condições que se encontram subordinada a produção e a reprodução da vida humana em sociedade e na relação com a natureza” (p.19) e sob esta perspectiva,

[...] deveria desenvolver as aptidões críticas; deveria conduzir as pessoas, por exemplo, à capacidade de desmascarar ideologias; deveria protegê-las ante identificações falsas e problemáticas, protegendo-as sobretudo em face da propaganda geral de um mundo que a mera forma de veículos de comunicação de massa desta ordem já implica como dado (ADORNO, 1995, p. 79).

Entendemos que a relação entre educação e mídia nessa perspectiva, considerando o avanço, desenvolvimento e influência que possuem na vida dos sujeitos, poderia mediar à possibilidade de uma formação cultural, com vistas à reflexão e

autonomia. Nesse sentido, formar estes indivíduos não de forma condicionada, mas de maneira que estes se reconheçam como seres sociais, capazes de se perceber as contradições, desvelando a realidade ideologicamente determinada já constituem sentido à formação para a emancipação. Para Adorno (1996, p. 392), “se na ideia de formação ressoam momentos de finalidade, esses deveriam, em consequência, tornar os indivíduos aptos a se firmarem como racionais numa sociedade racional, como livres numa sociedade livre”.

Isso significa dizer que: “A constituição da aptidão à experiência consistiria essencialmente na conscientização e, dessa forma, na dissolução desses mecanismos de repressão de dessas formações reativas que deformam nas próprias pessoas sua aptidão à experiência” (p.150), pois o sujeito, compreendido como totalidade concreta, não se constitui isolado, mas na dimensão das múltiplas determinações da vida social, interagindo em coletividade reciprocamente e dialeticamente.

Portanto para que a relação entre educação e mídia ocorra com vistas à formação é imprescindível que se recorra aos conhecimentos para a formação da essência humana, ou seja, deve haver uma conscientização do ser humano sobre a realidade social. Deste modo, uma formação humanizadora em que os conhecimentos sejam objeto da reflexão e percebidos como fruto do pensamento e da criação humana, significa atingir a essência dos sujeitos. Adorno explicita (1995) que a única concretização da emancipação consiste em que aquela minoria de pessoas interessadas nesta direção, oriente toda a sua força para que a educação se torne uma educação para a contradição e para a resistência.

CONCLUSÃO

Em conclusão consideramos que a necessidade de elucidação da importância e influência da relação entre educação e mídias com vistas à emancipação dos sujeitos, se faz de extrema necessidade para que desta forma, se constituam como sujeitos históricos e políticos, capazes de compreender a realidade que constroem. Esta relação deve ser capaz de contribuir para que a criticidade e o exercício intelectual, sejam um exercício possível no processo de construção e transformação da realidade. Entendemos que a dimensão da existência dos sujeitos não se distancia da efetiva compreensão política sobre o que realiza e para isso a formação deve ser dinâmica, ampla, ativa e reflexiva

Entretanto consideramos que um dos maiores desafios que se apresenta na modernidade é o de materializar uma formação no sentido de educar os homens para que conheça a si mesmo e conheça e reconheça o outro. Educar o homem de modo que seja capaz de compreender o porquê das coisas. Educar para a autonomia para que o homem seja capaz de se colocar frente ao objeto sem se perder. Por isso a discussão sobre a relação entre educação e mídia, pressupõe a alteração de suas interfaces com as condições concretas de existência, com as ideologias e com o procedimento de domínio prevalente na sociedade capitalista.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **A indústria cultural**. In: COHN, Gabriel. (org.). Comunicação e indústria cultural. São Paulo: Nacional, 1975. p. 287-295.

_____. **Capitalismo tardio ou sociedade industrial?**. In COHN, Gabriel (Org.). Theodor Adorno (Coleção Grandes Cientistas). São Paulo: Ática, 2ª ed., 1986.p. 62-75.

_____. **Minima Moralia**. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____. **Teoria da Semicultura**. Tradução de Newton Ramos de Oliveira com colaboração de Bruno Pucci e Cláudia Moura Abreu. In: Educação e Sociedade, Campinas: editora Papyrus, ano VXII, dezembro, 1996. p. 388 – 411.

ADORNO, Theodor. W.e HORKHEIMER, Max. **Temas básicos em Sociologia**. São Paulo. Ed. Cultrix. 1973. p. 93 – 104 .

_____. **Dialética do Esclarecimento**: In: Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

HORKHEIMER, Marx. **Eclipse da Razão**; tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Centauro, 2002

MARX, Karl. **A mercadoria** In O capital. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Contribuição a Crítica da economia política**/ tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos**/ tradução de Alex Martins.- São Paulo: Martin Claret, 2006.

MÉSZÁROS, Istevan. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MOREIRA, Alberto da Silva. **Cultura Midiática e Educação**. In. Adorno Educação e Religião/ Bruno Pucci, José Antonio Zamora – Goiânia: Ed. UCG; 2008.

RESENDE, A. C. A. **Subjetividade em tempos de reificação: um tema para a Psicologia Social**. Estudos (Goiânia), Goiânia - GO, v. 28, n.4, p. 511-538, 2001.